

## Será a desobediência civil moralmente aceitável?

Joana Prata, n.º 12 – 10.º D  
Março de 2005

Será o desrespeito às leis através de manifestações públicas não violentas de opinião sobre uma determinada lei ou decisão do Governo considerada injusta (por exemplo, o boicote aos produtos manufacturados ingleses, na Índia, aquando da ocupação deste país pela Inglaterra e a recusa de alguns americanos em participar na guerra do Vietname), não em benefício da própria pessoa mas da sociedade em geral, através da violação da lei, moralmente aceitável?

Esta é uma questão bastante importante, pois há que ter em atenção se a desobediência civil é compatível com a democracia em que vivemos, se não a derruba, em vez de a aperfeiçoar, como é sua intenção e também se, ao aceitarmos a desobediência civil, não estamos a dirigir-nos para uma sociedade anárquica, onde não se respeitam as leis. Ou se, pelo contrário, a desobediência civil é aceitável e até desejável, por chamar a nossa atenção para injustiças que podem eventualmente a ser cometidas.

Na minha opinião, sim, a desobediência civil é moralmente aceitável. Apesar de parecer não ser compatível com a sociedade democrática, a desobediência civil é, de facto, moralmente aceitável. Com isto quero afirmar que os actos de desobediência civil não vão contra a nossa democracia e não incentivam manifestações violentas. Logo, não há qualquer motivo para impedir a sua realização, pois apenas promove o desenvolvimento da sociedade, serve para chamar a atenção das pessoas a injustiças que podem passar despercebidas a algumas pessoas. Em minha opinião pode até tornar-se desejável.

Ao longo da história podemos encontrar vários exemplos de desobediência civil cujos objectivos foram alcançados e que nos trouxeram grandes mudanças. Por exemplo, a luta das mulheres britânicas pelo direito ao voto, que, através de campanhas de desobediência civil pública onde se podia assistir ao autoacorrentamento das manifestantes, cumpriram o seu objectivo: mudar uma lei e conseguir o direito ao voto para as mulheres. Temos, ainda, o exemplo de Mahatma Gandhi, que, através do incentivo ao protesto ilegal não violento, libertou a Índia da ocupação Britânica, e, também, a recusa de alguns cidadãos americanos em participar na guerra do Vietname pelo seu país, o que provocou a retirada Americana da dita guerra. Ou mesmo, no nosso país, as manifestações antes da Revolução de Abril, a luta pela liberdade e casos de pequenas populações que fecharam a circulação automóvel numa ponte que estava muito degradada e em risco de ruir. Desobedecendo à lei, podem até ter salvo muitas vidas, pois no estado em que a ponte estava podia até ter caído, se não tivessem chamado a atenção da autarquia para a mesma. Como podemos ver nestes casos, através de desobediência civil foram alcançados os objectivos propostos e alteradas certas coisas que não eram consideradas correctas. Nestes casos, protestos legais como campanhas e redacção de cartas às entidades responsáveis não surtiriam efeito algum e a desobediência civil foi a solução escolhida e

foi bem sucedida. Para além disso, quando praticamos algum acto de desobediência civil não estamos a tentar derrubar o estado, mas apenas tentar mudar algo que consideramos errado. Não estamos, também, a praticar qualquer tipo de violência, pois temos um motivo moral para o nosso protesto e os princípios morais, na maioria das vezes, não permitem que se prejudique outras pessoas, excepção apenas feita em situações de legítima defesa (em caso de ataque). Desta forma, não existe qualquer motivo para rejeitar a desobediência civil.

Contra a desobediência civil pode alegar-se que, numa sociedade democrática em que a maioria tem o poder de decisão, a desobediência civil não se encaixa, pois apenas um pequeno número de pessoas pode provocar a mudança de algo. Logo, a desobediência civil não é moralmente aceitável pois é antidemocrática. Para além disso, há, também, quem afirme que, como ao praticar qualquer acto de desobediência civil estamos a infringir a lei, ao não punir quem o faz estamos a encorajar a violação da lei. Desta forma, se hoje encorajarmos pequenos actos de desobediência civil, amanhã a excepção poderá tornar-se a regra e as leis podem simplesmente deixar de ser respeitadas. Ou seja, a desobediência civil promove a anarquia.

Afirmou-se que os actos de desobediência civil não são compatíveis com a nossa democracia pois um pequeno número de pessoas pode contrariar a maioria, o que não é democrático. Mas não é isto que acontece, de facto. Quando um determinado número de pessoas manifesta a sua discórdia, não é por isto que a lei ou a decisão do Governo, por exemplo, com que não concordam, é alterada. Quando alguém manifesta a sua opinião desta forma, está apenas a tentar “abrir os olhos” às outras pessoas, aos governantes e à população em geral, para que mudem a sua opinião em relação a determinado assunto, não estão a mudar nada apenas por manifestarem a sua opinião. Logo, a desobediência civil não é antidemocrática, pois o poder de decisão continua na posse da maioria. Afirmou-se, também, que a desobediência civil levaria a uma sociedade onde não se respeitariam as leis, ou seja, à anarquia. Não há qualquer motivo para pensar que não é possível parar a desobediência à lei num certo ponto. Para além disso, quem pratica actos de desobediência à lei sabe que não está a respeitá-la e que o deve fazer. Por isso, desobedece à lei com a qual não concorda, para que esta seja alterada e passe a ser justa para que, assim, possa ser respeitada. Isto prova que compreende que, quando as leis são justas, devem ser respeitadas.

Posto isto, penso que a desobediência civil é mais que aceitável. É, muitas vezes, desejável, pois chama a nossa atenção para injustiças que nos podem passar despercebidas. Nestes casos, se a minoria afectada não manifestasse o seu desagrado, quem o faria? E, tendo em conta que quando desobedecem à lei têm apenas como intenção melhorar a vida a muita gente, não há qualquer motivo, a meu ver, para rejeitar a desobediência civil, uma vez que, como vimos, é compatível com a democracia e não leva a uma sociedade anárquica, pelo contrário, pretende tornar a sociedade muito mais justa para todos.